

ok Schuma
pelos parceiros da vida

Schuma Schumahr

De: "Érico Vital Brazil" <ericovitalbrazil@globo.com>
Para: "Schuma" <schuma@redeh.org.br>; "Miriam Juvino" <mjuvino@centroin.com.br>
Enviada em: domingo, 30 de janeiro de 2005 04:40
Assunto: Alaíde Costa

Alaíde Costa, a navalha na voz.

Um de seus parceiros, Hermínio Bello de Carvalho declara devoção à cantora, que celebra 50 anos de carreira com disco novo e show em São Paulo

Hermínio Bello de Carvalho

Compositor e produtor musical

Foi em São Paulo, num bar da Rua Avanhadava - e eu estava na companhia de Aracy de Almeida. Lembro porque Araca, a inesquecível Araca, deu um daqueles seus desfrutes, negando-se a cantar com a desculpa de que quem canta de graça é galo - e saímos dali para um outro bar onde, contraditoriamente, se esgoelou feito uma tonta sem ganhar um tostão. Sim, esqueci de dizer que estávamos nas beiradas da década de 60 e que o Jegral, reduto de Luiz Carlos Paraná, era uma espécie de templo onde reinava Alaíde Costa - que festeja amanhã 50 anos de atividades lançando o CD Tudo o que o tempo me deixou em show homônimo no Theatro São Pedro, em São Paulo.

Devo dizer que, ao pronunciar o nome de Alaíde, deveria ajoelhar-me e agradecer aos deuses tê-la conhecido e me terem dado as graças de ser seu amigo. E parceiro e cúmplice de aventuras profissionais. Tentei, imprecisamente, buscar a palavra certa que me remeteria a uma profissão um tanto mórbida que é a do legista - aquele que diseca os cadáveres. Mas que imagem iria eu buscar para, com exatidão, dizer o que senti diante de Alaíde quando ela cantou Retrato em branco e preto?

Fechando os olhos, era como se estivesse assistindo a um ato cirúrgico: ela, com todo o instrumental às mãos, dissecando cada compasso daquela canção, exaurindo-a e conferindo a cada nota e palavra o sentido mais exato e também mais emocionante. Sou sempre capaz de fazer essas esdrúxulas associações, porque sou indiferente às cantoras que não me anavalham a mais fina pele da alma.

É a sensação que Alaíde me provoca: a de, sem qualquer anestesia, submeter-me à escamação de todas as crostas de minha pele e deixar-me em estado de torpor, quase sedado, durante muitas horas - lembrando-a em suas crispações, sua extrema beleza ebanácea, ela, uma das maiores

cantoras do mundo - e dizendo isso apenas reitero com muita firmeza o que já ouvi da boca de tantos músicos importantes sobre essa cantora que a ninguém (ou só aos tontos) causa indiferença.

Lembro de como a divina Elizeth Cardoso, por exemplo, a admirava sem limitações. Mas quero dizer que Alaíde foi a cantora que, de alguma forma, me fez não abandonar a carreira de letrista. Lembro que tinha guardado uma boa porção de composições com alguma estranheza - e é muito difícil explicar o que é escrever um verso que já nasce suspeito por natureza: esse ninguém o decifrará, eu me repetia.

Uma dessas canções chegou aos ouvidos de Alaíde e ela a cantou, e eu senti que ali se abria uma porta que nunca mais se fecharia. Eram águas vivas queimando minha pele, eram as palavras que eu secretara e ela decifrava com seu agudo senso poético - que seus discos, aliás, comprovam sobejamente. E foi o título do meu primeiro LP autoral, Água viva, em que se dá aquele instante emocionante em que o compositor se sente tocado pelas mãos de Deus.

Poderia contar mil casos sobre Alaíde, as provocações que faço e ela as aceita - como gravar um disco inteiro dedicado às canções de carnaval, para que as pessoas entendessem o sentido de certas canções que ficam ocultas porque gravadas sob os excessos próprios do próprio gênero, intensamente povoado de ritmos e metais estridentes. E eis que, no estúdio, ela restitui às canções o sentido mágico com que se apresentaram diante de mim, destituídas de confetes e serpentinas, sem estridências.

Ouçam-na cantar o Taí e duvido que não desabem quando ela expõe todos os fracassos amorosos que aquela canção revela. Ela resvala junto com os versos, é de uma tristeza comovente, de uma melancolia que nos faz sentir o sentido mais total da palavra abandono, da interrogação que se faz diante do ato inexorável com que nos destituem de um amor: a gente fica ouvindo aquela música de uma outra forma como ninguém antes a cantou, e é esse o segredo de Alaíde: ela sempre canta como nenhuma outra cantou aquela música - seja o Retrato em branco e preto ou a esfuziante cantiga carnavalesca consagrada por Carmem Miranda.

Meu sonho é fazer um disco de Alaíde interpretando Dalva de Oliveira. Tenho, aliás, um retrato das duas - e tenho a certeza do quanto Dalva deveria admirá-la. Porque Dalva era também dessas cantoras estigmatizadas e também estigmatizantes: tudo nela transcendia, tinha a alma arrebatadoramente tangureira - era o falso oposto de Alaíde. Porque, na verdade, Dalva e Alaíde são extremamente parecidas. Estrelas com infinitos próprios.

Tantas e tantas vezes trabalhamos juntos, e tudo me soa como novo e revelador quando, da coxia, vejo-a officiar-se no palco. Ela, sacerdotisa; eu, apenas uma conta de seu terço e perenemente abençoado pelo transbordamento de luz que dela emana quando fecha os olhos e nos faz mergulhar com ela no mar sempre intranquilo das palavras que ela vai esculpir com sua voz que é lupa e goiva, faca e esmeril.